CEDEJ. AR. 000.846

Prelado do Opus Dei ao «Diário do Minho»

Cultura e Família a maior preocupaçã

Cumprem-se hoje, dia 2 de Outubro, 72 anos sobre a fundação do Opus Dei, pelo sacerdote espanhol Josemaría Escrivá de Balaguer. Assinalamos a efeméride, mediante uma conversa, ainda que breve, com o actual prelado da Obra, D. Javier Echevarría.

O prelado esteve em Portugal no passado 13 de Maio, participando na beatificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta. Esta presença e a coincidência do 72.º aniversário do Opus Dei com a presença da imagem de Nossa Senhora de Fátima em Roma para o Jubileu dos Bispos deram mote ao diálogo.

Diário do Minho (DM) — **A presença do Prelado do Opus Dei em Fátima para a beatificação dos Pastorinhos não precisa de explicação: todos os fiéis e instituições católicas acompanham e rejubilam com mais este acto histórico de João Paulo II. Mas sabemos que já o seu Fundador nutria por Fátima enorme devoção...**

Javier Echevarría (JE) — A minha presença ficou a dever-se ao honroso convite do meu bom amigo, o senhor Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim Ferreira e Silva, e também ao meu grande desejo de acompanhar o Santo Padre numa cerimónia histórica, que, como diz, faz rejubilar toda a cristandade.

Quanto à devoção mariana do Beato Josemaría, essa não só marcou profundamente a sua personalidade espiritual (como acontece com todos os santos), mas toda a vida e espírito do Opus Dei. Qualquer imagem, invocação ou santuário dedicado a Nossa Senhora era para ele ocasião de o demonstrar; e Fátima não foi excepção. Sempre que veio a Portugal (e veio muitas vezes) Fátima fazia parte do seu itinerário, e até uma vez, em 1970, fez uma longa viagem exclusivamente para colocar todas as suas preocupações pela Igreja e pela Obra aos pés da Virgem de Fátima.

Em 1944, ainda antes de vir a Portugal, já pedira a alguns membros do Opus Dei que estudavam em Coimbra que fossem à Cova da Iria para apresentarem à Virgem Santíssima o seu amor filial e as suas intenções. E nunca deixava de recordar, com imenso gosto, que a sua primeira vinda «a este querido país» (5-II-45) foi devida à Irmã Lúcia, que em Tuy lhe pediu que viesse, e inclusive tratou do visto para cruzar a fronteira. Esta grande amizade com Irmã Lúcia cresceu ao longo dos anos, visitando-a várias vezes no Carmelo de Coimbra.

Seria demorado contar-lhe tantos belos episódios dessas viagens relativos a Fátima. Só acrescento que o comoviam imenso os peregrinos que via e abençoava, caminhando pelas bermas das estradas, e procurava aprender deles a amar cada vez mais Nossa Senhora.

Precisamente na viagem de 1970 a que me referi, quis imitar muitos que via de pés descalços: descalçou-se também ele na rotunda Norte e percorreu assim o trajecto (nesse tempo muito incómodo para quem não tem esse costume) que leva à Capelinha.

Por isso temos muita honra em saber que o nosso querido Fundador foi o primeiro peregrino de Fátima a ser elevado aos altares.

DM — **Um aspecto que caracteriza o Opus Dei é a santificação do trabalho profissional. Como se deve entender esta realidade? Não existirá o perigo de exagerar na dedicação?**

JE — Sim, este perigo existe. Infelizmente, no mundo actual há pessoas que não encontram trabalho e, ao mesmo tempo, muitas outras que talvez trabalhem mais horas do que seria conveniente. Fazem-no para poder sobreviver ou por um desmedido anseio de êxito profissional. É confrangedor observar, por exemplo, que há gente que não dá importância ao descuido das suas obrigações familiares desde que possa contar com uma jornada laboral de doze ou catorze horas.

O trabalho não é um fim, é um meio: o fim é Deus. Por isso, santificar o trabalho não significa ter êxito, mas sim aproximar-se de Deus através do trabalho, quer seja humilde, quer seja brilhante.

Deus colocou-nos no mundo para que trabalhássemos, como se lê no livro do Génesis. Santificar o trabalho é, em primeiro lugar, trabalhar com amor: isto é, trabalhar para dar glória a Deus e para servir aos outros. Um trabalho egoísta, por muito perfeito que seja do ponto de vista técnico e por muitas horas de esforço que tenha exigido, não é um trabalho que se possa santificar.

DM — **Referiu-se ao cuidado da família. Acredi-**

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

ta que manter o espírito cristão numa família é hoje mais difícil do que noutros tempos?

JE — De facto há novas dificuldades, mas isso não significa que antigamente não existissem nenhumas. De qualquer modo, não me agrada falar de dificuldades; prefiro falar de desafios. E aos desafios há que responder de modo construtivo.

Educar os filhos não é apenas preservá-los dos perigos e resistir às influências nocivas do ambiente: é, acima de tudo, realizar uma apaixonante tarefa positiva que o Senhor colocou nas mãos do pai e da mãe.

É uma tarefa difícil, por certo, mas a ajuda de Deus, que é o mais importante, não falta nunca a quem a pede na oração. Quantas vezes não foi exactamente esse acicate da responsabilidade pela educação dos filhos que conduziu os pais a aproximarem-se de Deus!...

DM — **Voltando a Fátima: que comentário lhe suscita a beatificação dos dois Pastorinhos?**

JE - A ninguém escapa a sua grande transcendência pastoral e mesmo teológica. Além do reconhecimento de que a santidade é acessível e necessária a toda a gente, de todas as idades e condições, a beatificação do Francisco e da Jacinta confirma a importância da Mensagem de Fátima especialmente para o nosso tempo: necessidade de conversão, oração e penitência, em plena adesão à fé da Igreja, aos seus Sacramentos, em especial a Sagrada Eucaristia e o da Reconciliação, e à moral cristã.

DM — **Quais as suas maiores preocupações relativamente à Igreja e ao mundo neste virar de milénio?**

— Mais do que preocupações, tenho grandes esperanças na misericórdia e na providência divinas, que se têm manifestado de mil formas no nosso tempo, a começar pelas próprias Aparições de Fátima. Considero, porém, que os problemas da cultura e da família são primordiais para a recristianização e a paz do mundo, assim como a formação sacerdotal o é para o rejuvenescimento da Igreja e para a evangelização.

DM — **Está satisfeito com a expansão do Opus Dei em Portugal e no mundo?**

JE — Como não havia de estar? Mas tudo me parece pouco para as necessidades actuais da Igreja e do mundo. ■

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei